

# O Progresso Catholico

.... sequor autem, si qui mala  
comprehendam....

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

.... ad ea que sunt priora extendens in ipsum  
ad destinatum persequor, ad brachium  
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu..

AD PHILIP. 43, 14.

**SUMMARIO:** — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã (V—A Esperança)*, pelo rev.<sup>mo</sup> sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; *A Biblia e Satanaz*, pelo rev.<sup>mo</sup> sr. Padre João Vieira Novos Castro da Cruz. — SECÇÃO SCIENTIFICA: *Deus e Jesus, segundo a maçomaria e segundo a Igreja*, trad. da *Civiltã Catholica* (conclusão). — SECÇÃO HISTORICA: *As Ordens Religiosas em Portugal*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. José Maria Guerreiro. — SECÇÃO CRITICA: *A verdadeira Bernadette de Lourdes* (cartas do Mons. Ricard ao sr. Emilio Zola) traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Rezoação d'um rescripto pontificio e suspensão d'um legado*; — *Indulgencia de 500 dias annexa às contos dos Rosarios benzidos pelos cruciferos*. — SECÇÃO LITTERARIA: *A confissão*; — *Aos martyres de Canelim*, (poesia) pelo rev.<sup>mo</sup> sr. dr. Mathous d'Oliveira Xavier. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, pela redacção. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Iniciação no grau de Mark-Mason*. — *Santa Rita de Cassia*, pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção. — SECÇÃO ADMINISTRATIVA.

**Gravuras:** *Iniciação no grau de Mark-Mason; Santa Rita de Cassia.*



INICIAÇÃO NO GRAU DE MARK-MASON

## SECCÃO DOCTRINAL

## A Milicia Christã

V

## A ESPERANÇA

**M**ILICIA permanente e universal. porque nem o tempo dá tregua na sua passagem, nem ha logares neutros que devam respeitar os belligerantes.

O inimigo tentador não respeita idade nem logar, e menos merece ser respeitado agora ou depois, aqui ou além; quem quizer reagir, ha de lutar sempre e em toda a parte.

O mundo com as suas loucas vaidades, e o amor proprio com o seu egoismo em todo o tempo e logar, nos levantam attrictos no caminho da virtude; quem não se quer transviar, ha de removê-los para passar avante, ha de lutar.

A formosa consoladora esperança, que aos christãos nos cabe, de virtuosos a ser herdeiros das promessas eternas do Redemptor, necessita de ser guardada com delicado esmero e constante e vigorosa energia para que os seus sympathicos esplendores nos sorriam e os seus attractivos nos levam na perfumada esteira das virtudes christãs.

A divina graça é calor divino que germina, nasce e prospera no coração humano; é flor celeste que nem subsistir pôde sem a luz do sol que a germinou; mas além d'essa celeste brisa em que o sobrenatural se embala como flôr plantada no coração humano, carece para a vida dos candidos affagos d'este nosso coração.

Importada pela divina Providencia aos nossos jardins, reclama da humana providencia cuidados mil.

Para prosperar no esplendor das suas celestes louçanias, ha de ser regada com o fluido do nosso amor, embalada nos brandes suspiros da oração fervente, orvalhada com lagrimas saudosas que a lembrança da eternal ventura arranca do coração que instinctivamente a deseja possuir, porque não é flôr que possa viver na aridez do deserto.

Carece que, de roda d'ella, não deixemos crescer rasteiraservas perniciosas que esterilhem o solo do pobre coração, onde foi plantada; nem trepadeiras maleficas que a abrumem, nem outras plantas folhudas que a assombrem; como todas as outras, carece de substancias adequadas e d'ar e luz para a vida.

Essa meiga luz das rissonhas esperanças do eterno dia das verdadeiras deli-

cias, não apparece candida entre as sombras negras das terrestres cobigas, nem sob as nuvens densas das vaidades, nem á lareira dos prazeres immundos do lascivo, nem na mente escura do philosopho materialista.

Candida aurora dos eternos esplendores da divindade, apparece sómente sob o céu azul das virtudes christãs, paira sómente sob placidos horisontes allumiados pela fé divina e aquecidos pela caridade christã.

Eis ali como tambem, para conservar esta esperança dos nossos altissimos destinos eternos, hemos de viver em constante combate com esta nossa imaginação louca, que, divertindo-nos com ninharias do tempo, mal nos deixa chegar com o pensamento aos horisontes formosos da eternidade.

Aqui tendes por que temos que viver em perpetuo combate contra estes rasteiros instinctos do pobre coração humano, que propende a occupar-se com affeições terrenas de misera especie caduca, sem ver, porque é cego, que vae levado d'uma a outra anciedade sem já mais tocar aqui fontes onde possa apagar a sede de venturas que o devora.

Temos que lutar contra a natural tendencia dos nossos sentidos a mendigarem venturas pelas ruas e praças d'um mundo material e miseravel que não tem, todo inteiro, algo com que encher possa o coração d'um só homem, pretendendo elles arrastar na esteira de tanta abjecção e desventura o nosso pensamento, que deveria pairar acima de toda a criação, fitando ao longo a formosura, poder e bondade do Creator.

As miúdas plantas de estufa não ostentam os primores da sua folhagem, não vivem, não se conservam nem na aridez do deserto nem nas altas serranias.

As mais delicadas roseiras, quando abandonadas nos silvados, passam brevemente a ser bravas em tal convivencia.

Quanto mais delicadas são as côres d'um vestido, as damas, que o sabem ser, mais cuidam d'elle.

Os que não cuidam com grande esmero de conservar, viva e rissonha, a encantadora esperança de conquistar por nosso Senhor Jesus Christo o reino eterno das eternas venturas, a perderão, e com ella a luz que mais e melhor alumia o pensamento e o affago que mais affaga o coração.

Elle é um adorno sobrenatural da nossa alma e entre brizas do sobrenatural pode sómente conservar-se e sómente vive e prospera ao som das harmonias da oração e aquecida com a divina graça, que se nos communica nos sacramentos.

## A Biblia e Satanaz

**E**a Biblia o livro que contem a palavra de Deus intimada aos homens por meio de escriptores inspirados.

Chama-se *Palavra de Deus*, porque foi dictada por elle; *Testamento*, porque n'ella nos promette uma herança infinita e declara a sua vontade; *Escriptura santa*, porque tudo o que alli está escripto é ordenado para a nossa santificação; *Lei divina*, porque refere a lei dada por Deus ao seu povo. Chama-se finalmente *Biblia*, porque é o livro por excellencia.

E' a Escriptura sagrada o livro dos christãos, aonde a Egreja colhe os documentos da sã doutrina, as verdades reveladas, a solução das controversias de fé e de moral.

E' certo que nem todas as verdades religiosas se contem nos livros santos, pois muitas foram commettidas á Egreja sem escripto, mas de viva voz, a que nós chamamos tradição; e esta não é menos a palavra de Deus. Mas a Biblia é o arsenal d'onde os doutores tiram as armas para debellar os erros contra a fé christã.

E quem diria que o proprio demonio se serviria da palavra de Deus para atacar o mesmo Deus? O pae da mentira allegar os textos da Escriptura contra Deus!...

Mas é verdade; e assim vemos tambem praticar os heroges e impios, quando pretendem persuadir seus erros e desvarios. Não crêem na Biblia, mas escudam-se com ella.

No facto que vamos apresentar se torna evidente a tactica sagaz do demonio, pae de todos os impios.

O Salvador do mundo, havendo de dar principio á sua pregação, dirigiu-se ao deserto aonde jejuou quarenta dias e quarenta noites, não tomando alimento algum durante esse tempo.

No fim dos quarenta dias foi tentado por Satanaz, tendo-se preparado para este combate pelo retiro, pela oração e pelo jejum.

Como diz o sagrado historiador, Jesus teve fome, *postea esurivit*. Permittiu Deus que o espirito infernal tivesse conhecimento d'esta necessidade corporal, inherente á natureza humana.

Apesar das provas que haviam precedido e que punham evidente a Divindade de Jesus, o demonio ignorava que elle fosse um Deus, reputando-o não mais que homem, se bem que de virtude eminente e de altas excellencias.

Satanaz, pois, em tórma visivel, se apresenta deante d'elle, e lhe diz:

«Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se convertam em pão.»

Jesus lhe responde:

«Está escripto: Não é só do pão que vive o homem, mas de toda a palavra que sahe da bocca de Deus.»

Note-se que o Salvador não nega nem affirma que é Filho de Deus, ou Deus verdadeiro, deixando o demonio na duvida em que estava. Rebateu-lhe, porém, a tentação allegando um texto do *Deuteronomio*.

Queria dizer Jesus Christo: Tu me offereces essas pedras, para que eu, convertendo-as em pão, sacie a fome natural que soffro como homem que na realidade sou. Não tenho necessidade de comer por tua intervenção; e, supposto que não tenho pão, confio que Deus Creador não me faltará com oimento necessario, porque a sua palavra não falta.

Ficou Satanaz derrotado, mas não desiste da tentação.

Por divina permissão o conduz ao logar mais alto do templo, e, usando das mesmas armas de que Christo se serviu, que eram os textos da Escripura, lhe diz:

«Se és o Filho de Deus, precipita-te d'ali abaixo, porque está escripto: Os anjos te sustentarão nas mãos, de modo que não tropees em alguma pedra.»

Citou o demonio um texto do psalmo XC: a citação era exacta, mas invertiu-lhe o sentido, como muitas vezes fazem os inimigos da religião. Naquelle logar falla David da providencia com que Deus olha pelo justo: mas de nenhuma sorte diz o que o demonio quíz fazer entender.

Com outro texto da Biblia rebateu o Senhor esta tentação.

Disse a Satanaz:

«Tambem está escripto: «Não tentarás ao Senhor teu Deus.»

Esperar um milagre sem necessidade é tentar a Deus. Bem podia o Senhor fazel-o, mas não o julgou necessario, ainda que o prodigio se obrou d'outra sorte, como se verá em seguida.

O demonio emprega o ultimo recurso. Transportando Jesus ao cume d'um monte altissimo, fez-lhe ver todos os reinos do mundo, com toda a sua grandeza e gloria.

E disse:

«Tudo isto que vês te darei, de tudo te farei senhor, se, prostrado por terra, me adorares.»

A tão horrivel blasphemia, Jesus, tomando o seu poder e auctoridade, disse:

«Vae-te, Satanaz, porque está escripto: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a elle só servirás.»

A estas palavras fugiu immediatamente o espirito infernal, e os anjos se chegaram servindo e ministrando alimentos ao Salvador.

D'este modo se operou o milagre que exigia Satanaz. Apareceu o alimento, sem que fosse necessario converter as pedras em pão. Apareceram os anjos, sem que Jesus se lançasse abaixo do templo. Fugiu o demonio, e Jesus é adorado e servido.

E' cheio de profundos mysterios este quadro da vida de Jesus Christo, sendo tentado por Satanaz no deserto, antes de se consagrar inteiramente á pregação do Evangelho.

Só queremos aqui fazer notar a astucia do demonio, servindo-se dos textos da Biblia para combater o divino Mestre.

Jesus Christo rebate as tentações com a palavra de Deus consignada nos livros do velho Testamento. E' o que a Igreja faz contra os herejes e impios. E' o que os catholicos devem fazer para demonstrar as verdades divinas.

O demonio allega outros textos, invertendo o seu sentido, para fazer cair o Salvador na tentação. Tal é o systema dos herejes e impios, para ilaquear as consciencias e corromper a sã doutrina.

Assim tem feito desde Ario até aos nossos dias, abusando maliciosamente da Escripura, a fim de melhor embutirem suas abominaveis e monstruosas doutrinas.

Os protestantes proclamam a Biblia como a unica regra da fé, e regeitam a tradicção que os condemna inteiramente. Tambem a Biblia os condemna, e é por isso que ensinam que cada um é juiz do seu sentido, d'onde resultam tantas opiniões como as cabeças dos individuos.

Aprendamos, contudo, d'aqui a meditar com uma viva fé a palavra divina, a qual será sempre para os catholicos um escudo impenetravel contra as tentações do demonio, e uma arma fortissima para combater todos os erros.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### DEUS E JESUS

SEGUNDO A MAÇONARIA E SEGUNDO A EGREJA

111

### JESUS

(Concluido do pag. 58)

JOÃO. Aqui apresenta-se como dificuldade um principio da philosophia, que ha annos estudei. A intelligencia pôde comparar-se com um sujeito que recebe uma forma determinada, porque a sciencia pôde dizer-se for-

ma intellectual, com a qual conhece. Mas uma forma impede outra, e um mesmo sujeito não pôde ter varias. A mais perfeita exclue a menos perfeita: assim um corpo não pôde ao mesmo tempo ser grande e pequeno, verde e branco, etc. Por isso, não comprehendendo como em Jesus podemos admitir a sciencia bemaventurada, e, além d'isso, uma sciencia inferior, qual é a adquirida e a infusa: parece-me que se hão de excluir reciprocamente; e que, se existe a primeira mais perfeita, as outras não podem coexistir.

AUTOR. — O teu principio é bom: mas é necessario tomal-o no seu verdadeiro sentido. Um ente não pôde achar-se ao mesmo tempo submettido a duas formas que reciprocamente se excluem, porque haveria contradicção. Por este motivo não pôde um ser vivo ser cavallo e leão; um corpo não pôde ser contemporaneamente grande e pequeno, nem sob o mesmo aspecto verde e branco, frio e quente; assim tambem, sob o mesmo aspecto, não pôde uma intelligencia ser sabia e ignorante, ter uma sciencia e não a ter. Mas um corpo pôde ser pequeno e branco e odoroso e grave, etc.; uma mesma intelligencia pôde ser informada por uma especie intelligivel, e ao mesmo tempo pôde unir-se a ella a essencia divina sem especie intelligivel para lhe dar um conhecimento sobrenatural e perfeito, não abstracto, mas concreto. A essencia divina pôde servir á intelligencia creada á guisa de forma intelligivel, sem ser propriamente tal, posto que a sciencia divina é o mesmo Deus; qualquer especie intelligivel adquirida ou infusa é uma forma accidental, isto é, um verdadeiro accidente da mente humana. Bom é que te cite as palavras de Santo Thomaz, com as quaes se elucida este ponto:

*Dicendum quod cognitio beata non fit per speciem, quæ sit similitudo divine essentialis, vel eorum quæ in divina essentia cognoscuntur, sed talis cognitio est divina essentialis immediate, per hoc quod essentia ipsa divina unitur menti beate sicut intelligibile intelligenti, quæ quidem essentia divina est forma excedens proportionem cuiuslibet creature. Unde nihil prohibet quin æcum hac forma supercedente simul insint rationali menti species intelligibiles proportionate suæ nature. (S. III. q. IX. art. 3).*

JOÃO. — Parece-me que comprehendendo tudo isso sufficientemente; mas já ouvi algures esta sentença evangelica: *hæc proficiebat sapientia*. Não se pôde supôr que tinha aprendido muitas verdades, o conhecimento de varias linguas e dos factos passados, nos codigos dos prophetas, nos escriptos dos homens doutos e na palavra d'outros?

AUCTOR. — Se me falas de novas verdades não conhecidas antes, digo que não; se me falas d'aprender com sciencia experimental veridades já conhecidas com a sciencia bemaventurada e com a infusa, posso concedel-o.

Imaigna se nosso Senhor Jesus Christo necessitava de ser instruido de novo! Crês que não era sufficiente a visão da divina essencia, na qual tudo está escripto? Que não lhe bastava aquella sciencia que infundiu na sua intelligencia o Verbo com perfeição e plenitude maior que a que foi infusa em Salomão e em todos os prophetas, e nos santos doutores enquanto viveram na terra? Na sciencia ou conhecimento experimental, que depende da observação successiva dos sentidos, Jesus podia (S. III. q. XII, art. 3), progredir e progrediu realmente. *Jesus proficiebat in scientia experimental, sicut et in atate*, diz Santo Thomaz. Mas não podia receber conhecimento que antes não tivesse sido derivado n'elle da sciencia infusa. Eis como Origenes, citado pelo sancto doutor, explica as perguntas que Jesus fez aos doutores do Templo quando tinha doze annos d'idade. *Dominus interrogat, non ut aliquid addisceret, sed ut interrogans erudiret. Ex uno quippe doctrinae fonte manat, et interrogare et respondere sapienter. — Unde et ibidem in Evangelio sequitur quod astupebant omnes qui cum audiebant, super prudentia et responsis eius.*

João. — Além d'isso, estando o proprio Verbo encarnado com a natureza divina, parece-me que, sem ser necessario inquirir a extensão da sciencia de Jesus, se pôde sustentar que é infinita, porque é seguro que o Verbo Deus conhece quanto é cognoscível, e conhecendo-se a si, conhece tudo.

AUCTOR. — Sim. Não se pôde negar que o conhecimento do Verbo é infinito, e por isso que a sciencia de Christo, «segundo a natureza divina», é tal. Mas o que até agora eu disse, tem por fim pôr em evidencia a dignidade de Christo, segundo a natureza humana. Além d'isso deve advertir-se que Jesus com a palavra, conversando com os homens «directamente», exprimia a sciencia que tinha segundo a natureza humana, e não a que tinha segundo a natureza divina: porque a palavra humana exprime naturalmente os conceitos da mente humana, signal d'esta. Por certo «indirectamente» as palavras de Jesus exprimiam a sciencia do Verbo, porque além d'isso exprimiam aquella sciencia bruta e infusa, que á intelligencia de Christo era communicada pelo Verbo. Mas ainda que a dignidade da intelligencia humana, sujeito da sciencia, fosse infinita pela união com a divindade, era um sujeito

finito; todavia a sciencia bemaventurada e a infusa da alma de Christo pôde dizer-se *summa*: isto é, mais perfeita do que o fóra em creatura terrestre e celestial; porém, como já indiquei, não se pôde dizer infinita d'um modo absoluto.

João. — Por tudo o que vejo, Bonghi comprehende pouco da sciencia de Christo. Permitta-me, pois que as tem aqui, que eu leia poucas linhas da pagina 61. Pôde dizer-se que Jesus aprendia sobre tudo de si; porque «a sua natureza divina o punha em disposição de saber sem que aprendesse; a sua natureza humana dava-lhe a obrigação d'aprender.» Descobre-se no que disse e fez depois, um engenho que amadureceu só; despertou em si uma vida nova, abrindo uma nova veia de pensamento e de sentimento. Que diz o senhor a esta passagem?

AUCTOR. — Louvo Bonghi pelo que diz da natureza divina que existia em Christo; mas deves considerar o que ha pouco te dizia. Não era o Verbo que falava com os labios de Jesus: era Jesus em quanto homem; da mesma maneira que o homem natural, n'ovia os seus proprios labios. Isto é, fazia articular as palavras que eram signaes dos conceitos e da sciencia que tinha na sua intelligencia humana, comquanto tal sciencia tivesse sido communicada immediatamente pelo Verbo. Este communicou á intelligencia de Jesus a sciencia beatifica e a infusa. Bonghi suppõe que a intelligencia possivel de Jesus era no principio *tamquam tubula rasa*, em que nada havia escripto e que tinha obrigação d'aprender. Que obrigação havia de ter? Diga isto, se lhe apraz, dos outros homens, mas nunca de Jesus, o qual, em virtude da sciencia bemaventurada, como nos diz Santo Thomaz, era sapientissimo, sabendo todas as coisas que estavam em alguma relação com Elle, passadas, presentes e futuras. Porisso, esteja certo Bonghi de que o Verbo com as duas sciencias, beatifica e infusa, o tinha instruido de modo tal, que não o poderia fazer melhor nenhum dos Rabinos, nem dos Prophetas. Estêja certo, além d'isso, pela mesma razão, que Jesus não tinha necessidade de fazer um detido estudo para discorrer da maneira mais a proposito afim d'ordenar a sua vida e as suas acções em pró dos homens. Se Bonghi tivesse lido o que brevemente diz Santo Thomaz de nosso Senhor Jesus Christo, teria podido caminhar mais seguro ao debater uma materia tão ardua como a vida d'Elle. Boa coisa é acharmos-nos dispostos a corrigir os erros commettidos; mas é muito melhor não os commetter. Façamos, porém, ponto.

João. — Agradeço-lhe do coração as

lições que me deu, e asseguro-lhe que, se se me apresentar occasião, saberei responder convenientemente, como mereça, a qualquer escripto de sabio ignorante, ou a qualquer pharmaceutico charlatão.

## SECÇÃO HISTORICA

### As Ordens Religiosas em Portugal

QUANDO em 1833 tratava de partir de Faro o ultimo commandante de artilheria 2 do exercito do Snr. D. Miguel, sua familia foi despedir-se da minha, por serem visinhas de intimas relações.

A senhora do coronel, lavada em lagrimas, fallando pela bocca de um anjo, abraçou minha familia e disse-lhe:

«Minha senhora, está começada a epocha da desgraça de Portugal, porque essa gente que toma as redeas do governo não pôde fazer senão a desgraça da nação!... Só nos resta verter lagrimas e ençopar lenços! Infeliz nação! Sôa a hora do derradeiro destino!»

Não ouvi esta predição, porque era muito criança, mas mais d'uma vez a ouvi narrar a minha familia. Desde então até hoje tenho visto realisada essa predição!

Com que mágoa terão os nossos contemporaneos sensatos que descrever á posteridade taes factos incontrover-sos!...

O primeiro foi o decreto de Joaquim Antonio de Aguiar — o mata frades — em 1834, violando os artigos 76.º e 79.º da Carta Constitucional, nos quaes tanto se recommenda manter a Religião Catholica Apostolica Romana. Esta estrema foi o panno da amostra da obra que desastradamente tem caminhado até nós. Baptisando os bens dos Religiosos em bens do Estado, assim se apossaram d'elles e os pozeram em almofada!

E que applicação deram ao seu producto? Não ha a mais pequena particula d'esse funo! E dizem ainda os adeptos d'essa odiosa extorsão, que foi uma felicidade para a nação a extincção das Ordens Religiosas?... Antes se deve dizer a desgraça para Portugal, por mil motivos!

O convento das religiosas de Faro foi comprado pelos judeus!... Estes profanaram a casa de Deus! D'entre as ultimas religiosas que ali houve — soror Gertrudes e soror Joanna — professoras foram minhas irinãs! Tenho fé que esses dois anjos terão pedido a Deus pelos seus parentes que deixaram na terra.

Quando uma das vezes fui ao referido convento, estando proximo, olhando para o mirante, uma d'ellas lá estava acenando-me com um lenço branco por uma das frestas; depois veio receber-me á grade, e dizendo-me que entrasse na roda, deu volta e assim me vi no meio de minhas queridas irmãs que me afagaram e me cubriram d'osculos, e d'outras religiosas.

Oh! episodios d'estes não se podem descrever sem ser debulhado em lagrimas!...

Sim, lagrimas impellidas pela saudade que só terá fim na sepultura!

Reatemos o assumpto.

Os conventos eram casas de caridade.

Ali se matava a fome á pobreza; em muitos havia escolas gratuitas de primeiras letras e cathequese para creanças.

Os frades davam esmolas e protegiam as artes, sem fazer espalhafatos, seguindo á risca aquella maxima tão sublime:

« A mão esquerda não deve saber o que faz a direita. »

As Ordens religiosas ricas soccorriam o Estado com mão larga, quando eramos ameaçados de guerra estrangeira.

Se em tempos que lá vão os conventos eram necessarios, hoje com mais razão o são. Se n'esses tempos, havendo menos almas, eram necessarios, e elles accomodavam grande pessoal, hoje que as almas teem duplicado ou triplicado, com mais razão se precisa d'elles, porque os que tivessem vocação para lá iriam, e por esta forma diminuiriam o cardume de concorrentes a qualquer emprego que se põe a concurso.

Supprimiram os conventos dos frades e criaram maior numero d'outros conventos.

Se os primeiros se não faziam peza-dos, como dissemos, os segundos bens pezados se fazem, muito embora sejam precisos.

O que temos por certo, é que mudada a vida dos grandes, mudam-se os costumes dos povos.

O presente mostra-nos a depravação dos costumes. Todos os dias nos dá a noticia de infanticidios, suicidios, homicidios, barbaros attentados contra os que representam a auctoridade e crimes que horrorisam! E porque? Porque a ideia nova que nasceu no seculo XVI se ostentou nos fins do seculo XVIII, e hoje campêa infrene; por toda a parte tem substituído tudo e todos. Finalmente diremos por conclusão:

O reinado da ideia nova está a terminar.

As prophcias hão de cumprir-se. A aurora do triumpho da Religião Ca-

tholica e Apostolica Romana já começa a despontar.

Peçâmos a Deus nos dê vida para a vermos.

Aguardêmos o futuro.

Faro.

O ex-sub-inspector e professor jubilado,

*José Maria Guerreiro.*

## SECÇÃO CRITICA

### A verdadeira Bernadette de Lourdes

POR

MONSIEUR RICARD, PRELADO DOMESTICO  
DA SUA SANTIDADE

Cartas ao sr. Zola

III

*Uma rosa na roseira brava do caminho.*

— *Sinceridade* — *Se Bernadette era louca.* — *O Bispo e o doutor.* — *No convento.* — *Vida occulta.* — *Um original em Saint-Gildard.* — *Mons Dupanloup.* *E' o contrario da verdade!*

**A**v. ex.<sup>a</sup> que o diz, talvez com o pensamento de tirar uma prova em favor da sua these. Não importa, o facto existe e v. ex.<sup>a</sup> o affirma.

Lourdes merece ser contada entre as melhores, entre as localidades dos Pyreneus onde a fé, como os costumes, se teem conservado puros.

Não ponho em evidencia as expressões que destoam na pintura de v. ex.<sup>a</sup>: basta saber que sahiram da penna de v. ex.<sup>a</sup>. Não podia haver melhor testemunho do passado, todo d'innocencia, da pastorinha, que a misericordia divina elegera para lhe servir d'instrumento docil. O passado, a infancia, a adolescencia de Bernadette garantem já a sua veracidade. Não pôde deixar de ser-nos agradável encontrar a confissão implicita d'isto nas linhas de v. ex.<sup>a</sup> que acabo de citar.

Nos estudos conscienciosos e bem investigados que, evidentemente, passaram sob os olhos de v. ex.<sup>a</sup>, teria v. ex.<sup>a</sup> reconhecido esta sinceridade. Desde a origem, todos se viram logo forçados a prestar-lhe esta homenagem. O medico, que lhe segue os passos desde principio, é um incredulo, mas presta homenagem á boa fé e á sinceridade da joven.

Os seus collegas persistiam nas suas affirmações; recusam ir estudar o facto á Gruta. « Nós conhecemos tudo isso, — não cessavam de repetir. Essa rapariga é louca, allucinada, e, dentro

d'um mez, terá perdido por completo a razão. »

« Foi n'estas disposições d'espírito que o prefeito lhes pediu a sua opinião sobre o estado mental de Bernadette. Se se fivesse reconhecido que o seu cerebro estava doente, tel-a-iam conduzido ao hospicio de Tarbes para a tratar, e esse movimento das multidões deixaria de ter uma causa plausível.

« O relatorio, assignado por tres medicos do paiz, foi escripto com cuidado e redigido por um homem intelligente, ao corrente dos progressos da sciencia. Os medicos que hoje recusam ver, que negam o sobrenatural, não usam outra linguagem.

« Este relatorio tem a data de 31 de março de 1858; foi escripto no periodo das apparições.

« Na primeira parte trata-se da questão de Bernadette, do seu estado physico e moral, de sua familia; n'este particular, nada d'importante.

« Tem treze annos, mas parece não ter mais d'onze; baixa, physionomia agradável, cabeça bem conformada. Segue-se a narração das apparições, recolhida da bocca da joven e tal como a conhecemos.

« Nada demonstra — diz o relatorio — que Bernadette haja querido impôr-se ao publico; a sua sinceridade não parece duvidosa (1). »

Era uma convicta, uma alma sincera, mas era uma louca.

« Antes d'um mez — escreviam os medicos em 1858 — ella terá perdido completamente a razão. »

O celebre doutor Voisin, medico da Salpêtrière, que escreveu já lá vão quatorze annos, tão convencido estava d'isto que não hesitou em ensinar, do alto da sua cadeira professoral, que Bernadette dera taes signaes d'alienação mental, que fôra necessario encerrar-a n'uma casa de saude. E indicava qual fôra esse asylo.

Pôde ler-se, na *Union médicale*, de 27 de junho de 1872, a conferencia do doutor Voisin, em que o celebre alienista affirmava o facto.

« O milagre de Lourdes — disse elle — foi affirmado com o apoio na fé d'uma joven allucinada, que presentemente está encerrada no convento das Ursulinas de Nevers. »

Isto era claro, categorico. O Bispo de Nevers poz embargos á affirmação. E escrevendo ao jornal *L'Univers*, dizia elle:

« Caro senhor.

« Como v. muito bem sabe, um professor da Salpêtrière, ao desenvolver

(1) Dr. Boissarie, *Lourdes depuis 1858 jusqu'à nos jours.* (Paris, Sanard et Derangeon), pag. 51.

as suas theorias sobre as allucinações, disse, ha já algum tempo, que Bernadette Soubirous, em religião Irmã Maria Bernarda, estava encerrada como louca no convento das Ursulinas de Nevers. Espero dever-lhe o obsequio de publicar esta carta, pela qual tenho a honra de declarar:

«1.º Que a Irmã Maria Bernarda nunca poz os pés no convento das Ursulinas de Nevers;

«2.º Que, sendo certo que reside em Nevers, na casa-mãe das Irmãs da Caridade e da Instituição Christã, entrou para alli e permanece tão livremente como qualquer outra Irmã;

«3.º Que, longe d'estar louca, tem um juizo pouco commum e uma tranquillidade invejavel.»

«Isto posto, tenho a honra de convidar o referido illustre professor a vir verificar pessoalmente a exactidão d'esta triplice affirmação.

«Se s. ex.ª quizer ter a bondade de me dar a conhecer o dia da sua chegada, eu me encarrego de o pôr em relações com a Irmã Maria Bernarda, e, para que s. ex.ª não possa conceber nenhuma duvida sobre a sua identidade, pedirei ao snr. delegado do ministerio publico que lh'a apresente. Ser-lhe-á depois concedido vela a vontade, e fazer-lhe perguntas durante o tempo que julgue conveniente.

«Pessoalmente, prometto recebê-lo como bem-vindo hospede.

«3 d'outubro de 1872.

«AGOSTINHO, Bispo de Nevers.»

O doutor Voisin dispensou-se de responder. O seu pouco leal silencio mereceu-lhe severa censura do snr. Artus, que lhe escreveu, n'uma carta aberta:

«... Todo o homem que n'estas condições (falando em publico), affirma ou nega factos de tanto alcance, sem os ter verificado ou estudado, commette um crime social, porque engana ou perturba a consciencia d'innumeraveis pessoas que não tem tempo nem capacidade de fazerem tal exame por si mesmas, e que, na sua ignorancia, alludem áquelles que assumem a missão de as ensinar.»

A lição foi dura. V. ex.ª tem demasiada lealdade para me permittir que eu diga que ella era, na verdade, bem merecida, e mórmente porque o sabio de que se trata se obstinou em guardar um silencio pouco generoso.

Melhor inspirados, outros informaram-se, e o presidente da Sociedade dos Medicos do Orne teve a ideia d'escrever ao seu collega de Nevers a pedir-lhe que desse informações positivas sobre o estado d'espírito de Bernadette, e provocou assim, d'um homem em excellente situação de saber á justa o que dizia, um attestado capital, que sem

duvida punha termo á discussão entre os espiritos sinceros. Ouçamol-o:

«Nevers, 3 de setembro de 1872

«Caro collega.

«A nenhum outro, melhor que a mim, podia v. ex.ª dirigir-se para obter as informações que deseja ácerca da rapariguinha de Lourdes, hoje Irmã Maria Bernarda. Medico da communiidade, durante muito tempo tratei esta joven Irmã, cuja delicadissima saude nos inspirava sérias inquietações. Presentemente o seu estado melhorou; e, de doente, tornou-se minha enfermeira, desempenhando admiravelmente a sua tarefa.

«Baixa, d'apparencia doentia, tem hoje vinte e sete annos. Calma e doce, trata os seus doentes com muita intelligencia, sem omitir nenhuma das prescripções; gosa, porisso, de grande auctoridade, e, da minha parte, de completa confiança.

«Vê pois v. ex.ª, meu caro collega, que esta joven Irmã está mui longe de ser doida. Direi mais: o seu character calmo, simples e doce é o menos disposto á loucura.

«Muito me alegra, caro collega, ter esta occasião de conversar com v. ex.ª e de lhe ser agradável, fornecendo-lhe as pedidas informações.

ROBERTO SAINT CIR.

Presidente da Sociedade dos Medicos de Nièvre.»

Isto é o bastante, senhor, para affirmar com v. ex.ª que Bernadette foi sincera e, um pouco contra v. ex.ª, apesar da palavra não ter saído da sua penna, que ella não era doida.

Acrescento que ella foi sobretudo humilde e modesta.

Creio que v. ex.ª leu, com interesse, o que Mons. Forcade nos conservou, nos seus curiosos *Souvenirs*, ácerca d'essa modestia. Ha alli um traço que eu indico ao gosto de v. ex.ª pela psychologia.

«O mais brilhante facto do seu noviciado é que ella guardou absoluto silencio ácerca das appareções de Lourdes. Para a experimentar n'este ponto a mestra prohibiu ás noviças e postulantes que lhe não fallassem a esse respeito. Estas obedeceram religiosamente, e, comquanto esta prohibição lhe fosse, sem duvida, desconhecida, ella não se mostrou menos discreta. Além d'isso, notou-se sempre que não dizia absolutamente nada sobre Lourdes, a não ser que a obediencia ou a delicadesa a obrigassem a responder ás perguntas que lhe eram feitas.

«E' necessario conhecer pouco o genero humano, principalmente a mulher, para ter este facto como insignificante.

Não receio proclamar-o verdadeiramente heroico e inscrevel-o como tal no activo das noviças, assim como no de Bernadette. Imagine-se, por um lado, aquella recém-vinda de Lourdes, onde recebeu communicações celestes; e, por outro, mais de cem jovens electrizadas pela celebridade do seu nome, vendo-se, encontrando-se, falando-se todos os dias, durante um anno inteiro, sem que jámais de seus labios escape uma palavra, uma só palavra sobre aquillo que trasborla evidentemente da sua imaginação, do seu espirito e do seu coração! Se, para explicar semelhante prodigio, se não julga necessario recorrer ao sobrenatural, ao menos conceder-se-ha que nada ha que possa dar ideia mais elevada do noviciado das Irmãs de Nevers.

«Excepto esse notavel incidente, nada mais se póde indicar d'extraordinario no procedimento d'aquella que foi objecto das predilecções da Rainha dos céos. Em tudo e para todos, ella se mostra regular e edificante; mas, mesmo no cumprimento dos seus deveres, exteriormente não vae além do nivel commum. Não tem arroubamentos nem extasis, nem piedosos exercicios ou austeridades além do que prescreve a regra ou o costume. Passaria completamente desconhecida, se fóra possível esquecer o acontecimento que a poz em evidencia perante o mundo inteiro.»

Esta observação não deixará de ferir a retina de v. ex.ª. V. ex.ª aprecia os documentos humanos. Ah! tem um.

O franco e piedoso Bispo tira d'isto uma philosophia talvez um pouco ouzada aos olhos de v. ex.ª. Como, porém, elle a dá com um — *parece-nos* — v. ex.ª a aceitará, porque nas suas observações sobre o facto de Lourdes ha muitos — *talvez*.

«Parece-nos comprehender — acrescenta Mons. Forcade —, porque Deus quiz que assim acontecesse. Bernadette era predestinada a servir de modelo ás innumeraveis multitudes que deviam vir orar junto d'ella á Gruta de Massabielle. Era necessario que ella estivesse ao alcance de todos e que não desanimasse ninguem por actos exteriores de piedade e de virtude muito acima do que se póde geralmente attingir. Tal como nos appareceu, na simplicidade da sua fé e da sua vida christã, ella é e continuará a ser o verdadeiro typo dos peregrinos de Lourdes.

«Um facto evangelico confirma-nos n'este sentimento. Quem foi que ajudou Nosso Senhor a levar a cruz ao Calvario? Um homem obscuro, sem nenhuma preeminencia exterior, na apparencia o primeiro que appareceu, levado mais pelo contrangimento do



que animado de boa vontade: *angariaverunt eum*. Mas não é justamente em consideração a estes títulos negativos que elle teve a grande honra de ser o typo immortel da nossa infeliz humanidade caminhando a custo, com a cruz nos hombros, após o seu Redemptor? *In firmis mundi elegit Deus.*

« Fôra do convento, havia quem não duvidasse considerar Bernadette como um thaumaturgo, e não ignoramos que, mais d'uma vez, lhe attribuíram milagres. Mas a verdade é que ella nunca os fez, nem nunca teve sequer a pretensão de os fazer. Perguntei-lhe duas ou tres vezes, se depois das celebres aparições, tornara a vêr a Santissima Virgem ou recebera alguma outra graça extraordinaria: *Nunca* — me respondeu mui francamente —; *agora sou como qualquer outra pessoa.*

« Entretanto ella não era precisamente como qualquer outra pessoa, pois observei constantemente que a sua mais caracterizada inclinação era a de viver desconhecida e de não ser tida nem havida para nada, o que é mui raro, até entre as almas que tendem á perfeição. Ninguem poz melhor em pratica esta bella maxima da *Imitação*: *Amā nesciri, et pro nihilo reputari.*

« Retrahir-se-ia ella assim por falta de meios? Não é admissivel. Em primeiro lugar, os loucos tem naturalmente muito mais tendencia para se evidenciarem do que para se eclipsarem. Depois Bernadette, que entrara mui ignorante para o noviciado, avançou rapidamente nos estudos e deu provas d'uma intelligencia não vulgar. Possuia até o que se chama chiste, e as suas felizes respostas, quando a fatigavam com perguntas indiscretas, não deixam duvida a este respeito. Esta vivesa scintillava até nos seus olhos, d'uma transparencia e bondade indefiníveis, nos quaes parecia reflectirem-se ainda os raios celestes que ella havia contemplado.

« Era tambem muito habilidosa de mãos. Pouco tempo lhe foi necessario para aprender os diversos trabalhos d'agulha, até os mais difficeis e delicados, e em pouco tempo foi contada entre as melhores operarias d'uma comunidade onde se encontravam algumas d'uma habilidade pouco comum... »

(Continúa).

## SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

### Actos da Santa Sé

#### Revogação d'um rescripto pontificio e suspensão d'um legado

Francisco V. deixou em testamento a renda annual de 900.000 réis para

que um descendente da sua familia, ou na sua falta um joven escolhido pelo Bispo, de tres que deveria propôr o municipio, podesse seguir a carreira ecclesiastica no Seminario.

Em 1881, não havendo individuo algum da familia que quizesse seguir a dita carreira, apresentou-se uma joven pobre, parenta do testador, pedindo á Sag. Cong. do Conc. que lhe applicasse a dita renda para poder contrahir matrimonio. Com effeito foi-lhe concedido por tres annos, tendo Sua Santidade approvado a concessão feita pela Sag. Cong. em 22 d'abril de 1882, impondo á favorecida a obrigação de mandar celebrar duas missas em suffragio do fundador.

Ao saber isto certa viuva, parenta tambem do mesmo fundador, chamada Magdalena, recorreu á Sag. Cong. pedindo para ser ella a agraciada, por ser mais proxima parenta, e além d'isso filha unica do irmão e herdeira do testador, por sua idade septuagenaria, extrema pobreza, enfermidade, cegueira, e ter, por ultimo, duas filhas solteiras.

A isto acrescentou que tendo deixado o fundador, além da mencionada renda, uma capellania ou canonicato, que estava vago ha 22 annos, assim como o referido legado, se lhe adjudicasse uma parte do producto d'ambas as fundações.

Pelida e vista a informação do Ordinario, Sua Santidade remetteu os pedidos de Magdalena á Sag. Cong. do Conc. com as facultades necessarias opportunis e a clausula de poder usar do recurso de aperiitione oris contra o rescripto de 22 d'abril de 1882, e mandou que se notificasse ao Bispo que fizesse saber ás partes, etc. Com effeito, Augusta V., que obteve o primeiro rescripto, apresentou-se defendendo o seu direito, e pedindo que se regeitasse a petição de Magdalena.

Allegaram-se pela outra parte os fundamentos que cria assistir-lhe, e para resolução do caso, propuzeram-se as duas questões seguintes:

1.<sup>a</sup> Se ha lugar ao arbitrio *pro aperiitione oris* (1)

2.<sup>a</sup> Se se deve acceder e de que forma ás petições apresentadas pela oradora.

As duas perguntas dignou-se responder a Sag. Cong. do Conc. em resolução de 1 de setembro de 1883: *Negativamente; attendidas as circumstancias particulares do caso: accedendo a ella o Summo Pontifice, concede-se a graça de que, passado o triennio e concorrendo as mesmas circumstancias, a renda*

(1) Ou seja: recurso para revogar um rescripto pontificio.

do alumno vacante possa applicar-se a soccorro de Magdalena e de seus filhos por outro triennio.

### Ordem de Santa Cruz

*Indulgencia de 500 dias annexa ás contas dos Rosarios benzidos pelos cruciferos*

Havendo-se suscitado innumeraveis questões e feito á Sag. Cong. das Indulgencias e Reliquias muitas consultas, mesmos por parte d'alguns Arcebispos e Bispos, sobre a authenticidade da indulgencia de 500 dias que concedeu o Romano Pontifice Leão X por Breve de 20 d'agosto de 1510, e em certo modo confirmada por Gregorio XVI e Pio IX em virtude de Rescriptos da Sag. Cong. da Propaganda Fide de 13 de julho de 1845 e 9 de janeiro de 1848, aos fieis todas as vezes que rezem a oração do Padre Nosso ou a da Ave Maria nos Rosarios chamados de Maria, benzidos pelo Superior Geral da Ordem de Santa Cruz ou pelos religiosos da mesma especialmente deputados *ad hoc*, desejando a mencionada Sag. Cong. a tranquillidade dos fieis, resolveu estudar com maduresa o assumpto e resolver o que fôr conveniente. Por essa occasião discutiu tambem se era necessario rezar pelo menos a terça parte do santo Rosario para ganhar aquella indulgencia, como se inferia, segundo parecia, dos termos empregados pelos Summos Pontifices ao concederem as indulgencias annexas aos Rosarios benzidos pelo referido Superior Geral. Além d'isso, como muitos sacerdotes tivessem solicitado do Romano Pontifice ou da Sag. Cong. o privilegio de benzer os Rosarios com applicação d'indulgencia, discutiu-se tambem sobre a conveniencia de conceder ou negar a dita facultade.

Tudo o que fica dito está comprehendido nas seguintes perguntas:

1.<sup>a</sup> Se a indulgencia de 500 dias que pôde ganhar-se quantas vezes se reze devotamente a oração do Padre Nosso ou da Ave Maria nos Rosarios benzidos pelos cruciferos, deve revogar-se:

a) por apocripa ou por duvidosa authenticidade;

b) por indiscreta, ou por indiscreta concessão;

c) ou por outras razões extrinsecas.

É no caso de não dever revogar-se:

2.<sup>a</sup> Se a mesma indulgencia se deve ratificar e confirmar, ou, pelo contrario, não necessita de ratificação e confirmação;

3.<sup>a</sup> Se, para a ganhar, se deve rezar todo o santo Rosario; e

4.<sup>a</sup> Se será conveniente conceder a outros sacerdotes o privilegio de benzerem os Rosarios sem applicação d'in-

dulgencia, que disfructam os religiosos cruciferos.

Os Em.<sup>mos</sup> Padres, em Congregação geral celebrada no Vaticano no dia 11 de março de 1884, responderam:

A' 1.<sup>a</sup> negativamente no todo.

A' 2.<sup>a</sup> que não necessita ratificação e confirmação.

A' 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> negativamente.

Esta resolução foi approvada por Sua Santidade no dia 15 do mesmo anno e mez.

## SECÇÃO LITTERARIA

### A confissão

— Adeus, Henrique; aonde vaes tão cedo?

— A' egreja, amigo, á egreja.

— A' egreja?! Então agora és santo?

— Não, homem; mas, por felicidade, sou catholico e vou cumprir o preceito paschal. Que achas n'isto d'extranhavel?

— Mas, com franqueza, tu crês na confissão?

— Pois não hei de crêr, homem?

— Não deves crêr, não; e admira-me que, no fim do seculo das luzes, te aches tão atrasado.

— Pois o que me admira é que, apesar de tantas luzes, vejas tão pouco.

— Mas que outra coisa queres que eu veja na confissão que não seja uma lucrativa invenção dos Padres?

— Pois o dito, dito, meu amigo; apesar de tantas luzes, estás cego.

— Ora essa! Serás capaz de me fazer vêr outra coisa?

— Se te empenhas em fechar os olhos, não, com certeza; pois bem sabes que não ha peor cego que o que não quer vêr.

— Cantigas, meu amigo; isso não prova nada.

— Queres que te prove que a confissão é d'instituição divina? Abre os livros sagrados e acharás abundantes passagens que te demonstrem esta verdade. Alli verás como Jesus Christo conferiu aos Apostolos o poder de *perdoar e reter os peccados*, bem como outras coisas que não devias ignorar, visto que te vanglorias de illustrado. Ou não admittes a auctoridade da Escripura Sagrada?

— O que não admitto é que um homem como eu tenha poder para perdoar peccados.

— E fazes muito bem; deves, porém, não esquecer que o sacerdote não é homem como tu: é um representante de Christo revestido com o poder de perdoar.

— Mas deixa, por isso, de ser homem?

— Sim, em certo modo; alli não obra como homem, mas em nome de Christo; por isso ao absolver o penitente não diz: *eu te absolvo em nome de Christo*, mas: *eu te absolvo*, dando a entender que Deus falla por elle.

— Contudo nunca lhe confiava os meus segredos, porque o que ouve o sacerdote, pôde recordal-o o homem.

— E' um temor futil, para o qual em vão procurarás desculpa. O homem não pôde recordar o que o sacerdote ouve, porque um preceito gravíssimo lh'o impede. Não podes citar-me um só caso em contrario, e eu posso apresentar-te alguns martyres do segredo da confissão. Mas, além d'isso, meu amigo, quantas vezes no dia te não confessas aos teus amigos? Tens sido sempre tu a unica testemunha do que fazes? Os teus segredos nunca tiveram confidente? E todavia nenhum dos teus amigos tem rigorosa obrigação de se calar. Não queres confiar os teus segredos a um sacerdote que te conheça? Pois escolhe um que te seja desconhecido. Vês como em vão tentas esconder-te detraz d'esse temor?

— Homem, isso não é o mesmo.

— Não, certamente; ha uma differença essencial e é que o amigo, que com sua amizade te pôde alliviar um pouco, não pôde contudo tranquillisar a tua consciencia, esse juiz invisivel

cuja justiça é inexhoravel. Quando as negras brumas da dôr rodeiam a tua alma, sentes um grato allivio depositando as tuas penas n'um peito amigo, não é verdade? Pois bem: essa consolação, com a incomparavel tranquillidade da consciencia, são os effectos da confissão.

— Caramba! com que calor fallas!

— Porque estou convencido d'isso, amigo, e quizera que tu o estivessees tambem.

— Bem; convenio no que dizes, porém convenio que a confissão não é necessaria. Demasiado conhece Deus todas as minhas culpas, sem que eu tenha necessidade de dizel-as, e porisso...

— Não continues: figura por um momento que tens varios devedores a quem queres perdoar a divida commutando-a por equitativos serviços e para esse fim nomeas um administrador com amplos poderes para determinar o serviço que ha de prestar cada devedor, segundo a sua divida. Mas eis que os teus devedores se apresentam ao administrador e lhe dizem: «Tu, senhor, já conheces perfeitamente a minha divida, não tenho por isso necessidade de declaral-a.»

— O argumento é engenhoso.

— E contudente; porém, já o disse, não ha peor cego do que aquelle que não quer vêr. E agora adeus, meu amigo, que se me faz tarde e por nada d'este mundo quero deixar de me confessar.

Pessoa amiga, a quem o illustre auctor a offereceu, envia-nos a seguinte poesia, que com o maior prazer publicamos:

### AOS MARTYRES DE CUNCOLIM

(EM COMMEMORAÇÃO DA PRIMEIRA FESTA QUE SE LHEZ FEZ, SOLEMNÍSSIMA, NO LOCAL DO MARTYRIO DEPOIS DA BEATIFICAÇÃO)

Tremulára um dia ignoto estandarte  
Nas praias d'esta India, então baluarte  
Dos cultos de Brhâma.

— Quem sois, ó guerreiros? Que intentos formais  
E essa bandeira de cinco signaes  
Que feitos proclama?

— E vós (que contraste!), roupagem talar,  
Talisman ao peito e porte singular,  
Quem sois, ó mortais?

Os vossos semblantes não mentem, parece;  
Aos céos dirigis ferventissima prece,  
Que Deuses prégaes?

— Nós somos, ó Indios, os lusos guerreiros,  
Do Oeste da Europa cingrando certos  
Até estes mares.

Intentos trazemos de paz lusitana  
E a nossa bandeira das *Quinas* se chama,  
Brazões singulares!

Symbolo das *Chagas* do Deus Incarnado.  
Que o mundo remiu, e quer ser adorado  
Té em vossos palmares.

— Nós outros, vestidos de longa sotaina,  
Conquista de almas tomámos por faina  
P'ra Christo Jesus.



O emblema pendente que temos ao peito  
 E' o *Lenho Sagrado* (rendamos-lhes preito),  
 Redemptora Cruz,  
 Em que Deus feito Homem por nós padeceu,  
 E a todos remiu abrindo do céo  
 As mansões da luz.

.....  
 Saltaram lesto em terra  
 De Christo os nobres adeptos;  
 De Satan quebrando os sceptros,  
 Bateram-se em viva guerra.

Pagodes, (1) bottos (2) e idolos  
 Tudo posto em confusão  
 Cediam á prégao  
 Dos filhos da cruz intrepidos.

.....  
 Rugiram então de raiva os monstros lá do Averno,  
 Vendo escapar a presa que elles agrilhoaram:  
 Mais uma vez, em affronta ao Santo Deus Eterno,  
 Vingança atroz nos Padres prestes maquinaram.

.....  
 De Conculim de Suleete  
 Chegára a Gôa o rumor  
 Que cinco obreiros de Christo  
 Morreram por seu amor.

.....  
 Certa era a fama  
 Com *Francisco Aranha*  
 Déra a Deus a vida  
*Rodolpho Aquariva*,  
 A' raiva do inferno  
 Tombou *Pedro Berno*,  
*Affonso Pacheco*  
 Seguiram-os de perto,  
 E *Antonio Francisco!*  
 Martyres de Christo!!!

.....  
 As almas dos Santos voaram á gloria,  
 E os anjos cantaram no Céo a victoria:  
 Pois de christãos semente  
 E' o sangue innocente  
 D'aquelles que se immolam  
 Pelos que não adoram  
 O Deus verdadeiro  
 Que espiou n'um madeiro  
 Os peccados e as dôres  
 Dos pobres peccadores.

No céo Deus acceitára a nobre offerta.  
 De Conculim á fé a porta aberta  
 Desde então ficára.  
 Igrejas se levantam onde ha pouco  
 Abominação lubrica do louco  
 Gentio reboára.

E hoje pela Igreja laureados  
 A' publica homenagem alevantados  
 Aos martyres de Conculim  
 Entoam-se hymnos sem fim.

1 de novembro de 1894  
 (Dia da 1.ª festa dos martyres)

P. MATHEUS D'OLIVEIRA XAVIER.

(1) Templos hindú\* da India.  
 (2) Sacerdotes hindús.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Recebemos, offerecido pela casa editora, o precioso livrinho — *PENSAE-O BEM ou cuidados da alma penitente mediante a consideração dos nobrissimos do homem para conseguir a vida eterna*, composto na lingua franceza pelo Padre Bartholomeu Baudrand, da Companhia de Jesus, e traduzido sobre a 25.ª edição da versão italiana por Camillo Maria Sarmiento de Figueiredo (10.ª edição correcta e augmentada).

Este precioso livrinho tem levado muitas almas para o céo. Que alma piedosa haverá que o não conheça e que, ao lê-lo ou medital-o, não haja haurido grandes consolações espirituaes? E', realmente, um livro d'ouro. Recomendamol o porisso aos leitores. Custa, brochado, 170 réis, encadernado, 240.

Pelo correio acresce 20 réis de porte.

.....  
 O *Coração de Jesus consolado na Sagrada Eucharistia por meio da comunhão reparadora*, é um pequeno opusculo, composto por um Padre da Companhia de Jesus, muito recommendavel aos amigos do Sagrado Coração e principalmente aos membros do Apostolado. E' baratissimo: custa apenas 30 réis.

Este, bem como outros quaesquer livros, podem os leitores pedir-os á Livraria Catholica Portuense, que lh'os remetterá, vindo os pedidos acompanhados da sua importancia.

.....  
 Recebemos — *A assucena de Israel* — por *Anna Maria*, excellente narrativa da vida da Santissima Virgem, e da vida publica de Jesus. E' edição antiga, de 1857. E' livrinho muito apreciavel e digno de lêr-se. O seu editor vende-o mui barato. Os tres pequenos volumes de que se compõe a obra, encadernados n'um só, custam 500 réis. Pelo correio, 530. Agradecemos a offerta.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Iniciação no grau de Mark-Mason

(Vid. pag. 65)

ESTA gravura, que é reproduzida dos *Mysterios da Franc-Maçonaria*, de Léo Taxil, representa a iniciação do Mark-Mason (5.º grau do rito d'York ou de Real Arca). As provas são ultra-

burlescas. O postulante que aspira a este grau é convencido de ter feito uma obra d'arte, e, para este fim, mettem-lhe nas mãos uma pedra bruta e informe, e mandam-no apresental-a á admiração dos Officiaes da Officina. Apenas, porém, o postulante expõe o bloco, todos os H. se riem d'elle, e o presidente mimosea-o com o titulo d'imbecil, etc. Por fim, tendo o Irmão Mestre de Ceremonias segredado uma desculpa, o Presidente da Officina explica-lhe o symbolo da pedra bruta e toma-lhe o juramento.

Conquanto seja altamente ridicula esta cerimonia, este grau é importante e muito cobijado, principalmente em Inglaterra.

A joia caracteristica do Mark-Mason é uma curiosa medalha, tida em grande apreço pelos Franc-Maçõs inglezes e americanos. Esta medalha até lhes serve de passaporte nas viagens. É um triangulo d'ouro, cercado de pedras verdes e encimado por uma corôa; no meio do triangulo ha um circulo de prata, á volta do qual se vêem gravadas a prata estas oito letras: H. W. S. S. T. T. K. S., que são as iniciaes das palavras inglezas: *Hiram Wildow's son sand thisto King Salomon*, que quer dizer: «Hiram, filho da viuva, envia isto ao Rei Salomão.»

O Mark-Mason manda gravar d'um lado, no meio do circulo, a sua «marca», e do outro lado, o seu numero e grau. Trazem esta joia sobre o coração presa a uma fitinha verde ondeada, encimada d'uma rosinha.

## Santa Rita de Cassia

(Vid pag. 75)

Nasceu Santa Rita em Cassia, no bispado de Spoleto, no reino da Umbria.

Seus paes, sendo ella ainda muito joven, resolveram casal-a com um dos muitos pretendentes que havia á sua mão. Rita, que tinha tomado a resolução de consagrar ao Esposo eterno a sua virgindade, sentiu uma grande dôr com esta resolução de seus paes e queria oppor-se-lhes; mas consultando o Senhor, este inspirou-lhe que obedecesse a seus paes.

Casou pois; mas teve a desgraça de dar com um marido de genio brutal, que, apesar da doçura da santa, a tratava mal por palavras e obras. Rita soffreu com muita paciencia estas tribulações por espaço de doze annos, ao cabo dos quaes o céo ouviu suas supplicas, convertendo seu marido de fero leão em manso cordeiro, não sendo já aquelle colerico, altivo, soberbo e dissoluto,

mas bem outro, modesto, humilde, santo e temente a Deus.

Quando estava em paz com seu marido e toda entregue á educação de seus filhos, deu-se a morte desastrosa de seu esposo. Prevendo que poderia passar a seus filhos o resentimento do homicidio, de que seu pae fôra victima, não satisfeita com exhortal-os a que nunca tirassem vingança de aggressor, pediu ao Senhor que, se fosse de sua vontade, os levasse para si, afim de nunca incorrerem em semelhante tentação. A sua oração foi ouvida.

Vendo-se livre, quiz dedicar-se ao Senhor no mosteiro de Santa Maria Magdalena, da ordem de Santo Agostinho, sito em Cassia, onde pediu o habito com instancia; mas por tres vezes lhe foi recusado. Conformando-se com a vontade divina, dispoz-se a formar em sua casa um retiro, onde servisse a Deus, como o faria no claustro a mais perfeita religiosa.

Estando uma noite em oração, appareceram-lhe S. João Baptista, Santo Agostinho e S. Nicolau Tolentino, que a fizeram entrar no mosteiro de Cassia, estando fechadas todas as portas e janellas, com admiração das religiosas, que, á vista d'aquelle prodigio, a receberam admiravelmente.

A sua vida de noviça foi edificante, e a de religiosa admiravel.

Contemplando um dia a dôr vehemente que o Senhor devia ter padecido quando lhe puzeram a corôa d'espinhos, supplicou-lhe que se dignasse tornal-a participante d'aquelle dôr; e Jesus, condescendendo a seus rogos, lhe pregou na frente um agudo espinho da sua corôa, o qual, além da viva dôr que lhe causou, fez uma ferida incuravel, sempre cheia de bichos e de pús, ferida que ella soffreu com indizível paciencia.

Enfim, toda a vida da santa foi um modelo de virtudes heroicas, como se pôde vêr no *Anno Christão*, que traz noticia desenvolvida sobre esta santa.

A Egreja reza d'esta santa no dia 22 de maio.

## RETROSPECTO

### O setimo centenario de Santo Antonio

A franc-maçonaria e a jacobinagem, que são filhos da mesma mãe, andam furiosos com a celebração do centenario do glorioso Thaumaturgo Santo Antonio.

Não quer aquella gente que as festas centenarias sejam catholicas, e dizem que Santo Antonio de Lisboa se não notabilizou por ser santo, mas por ser um grande pensador. Não dizem que o

santo fosse atheu, mas pouco tem faltado para isso.

Ora, Antonio de Padua foi grande porque foi santo; e se se notabilizou tanto e foi uma honra para Portugal no estrangeiro, é isso devido ás suas heroicas virtudes, que lhe mereceram as honras dos altares.

Santo Antonio de Padua é, sem duvida, uma honra para Portugal, porque é portuguez; mas é principalmente uma honra para a Egreja de Deus, porque é um santo.

Como quer, pois, a franc-maçonaria e a jacobinagem tirar a Santo Antonio de Lisboa a aureola de santo, se essa aureola é precisamente a sua melhor corôa?

As festas do setimo centenario não são festas jesuiticas, como a *Batalla* e o *Seculo* dizem; são nacionaes. Mas são tambem, porque são tributadas a um santo, festas da Egreja de Deus, que collocou Santo Antonio de Lisboa nos altares.

Porisso, essas festas não devem nem podem ser meramente mundanas, sem que a Religião, que o santo muito amou e prégou incansavelmente durante a sua vida terrena, tenha parte importante n'ellas.

Bem haja, pois, a commissão promotora que elaborou um programma digno, não fazendo consistir essas festas apenas em foguetes, regatas e illuminações.

A maçonaria e os jacobinos berram, e confessam-se descontentes; mas, em compensação, os catholicos e patriotas exultam. Se os maçõs e os republicanos não quizerem associar-se ás festas, prescindal-se d'elles, porque a sua falta não será sentida.

Por occasião das festas haverá um Congresso catholico Internacional em Lisboa, que promete ser imponente.

É dever dos catholicos concorrerem para o seu brilhantismo, e tambem para que as resoluções, que porventura lá se tozrem, não sejam apenas flores de rhetorica. Ao Congresso Catholico de Lisboa, pois, todos aquelles que posam!

\*

Porque julgamos d'interesse para os leitores, damos em seguida o regulamento para o referido Congresso, e o programma dos festejos.

*Regulamento para o Congresso Catholico Internacional que se ha de reunir em Lisboa nos dias 25 a 28 de Junho de 1895, por occasião do 7.º centenario do glorioso Thaumaturgo Santo Antonio de Lisboa.*

Artigo 1.º O Congresso Catholico tem por fim reunir os catholicos de boa vontade para accordarem nos meios de arralgar a fé, e desenvolver as obras de religião, caridade, educação, associação e liberdade christã; bem como para se occuparem das questões sociaes



SANTA RITA DE CASSIA

que interessam ás classes operarias e desfavorecidas da fortuna, segundo os principios do Evangelho e ensinos do Summo Pontífice Romano, o Vigario de Christo.

Art. 2.º E' rigorosamente prohibido tratar, no Congresso, de assumptos que offendam os poderes constituidos, e de questões de politica partidaria.

Art. 3.º Fazem parte da assemblea geral do Congresso na qualidade de membros effectivos, e com direito de votar:

1.º Os membros de todas as commissões activas do mesmo congresso:

2.º As pessoas convidadas ou admittidas pela commissão central para assistir ao Congresso como congressistas auxiliares.

§ 1.º Os congressistas auxiliares deverão inscrever-se e sollicitar do secretario da commissão central o competente bilhete de admissoão, até ao dia 15 de junho, dando n'esto acto 15500 réis para as despesas do Congresso.

§ 2.º Estes bilhetes são pessoais e intransmissiveis.

§ 3.º Todos os membros da assemblea geral terão direito de receber gratuitamente o

volumo que se publicar das actas do Congresso.

Art. 4.º A' commissão central pertencem todos os actos preparatorios do Congresso, a direcção superior de todos os trabalhos, e a correspondencia.

Art. 5.º A commissão central nomeará as commissões especiaes que julgar necessarias para o regular andamento e boa ordem dos trabalhos do Congresso e principalmente as commissões: revisora dos assumptos, economica, e de solemnidades.

Art. 6.º O Congresso abre no dia 25 de Junho e funciona até ao dia 28

§ Os trabalhos do Congresso começarão por um acto religioso ou pela Missa do Espirito Santo.

Art. 7.º Na vespera da ultima sessão publica do Congresso reunir-se-hão a mesa do Congresso, a commissão central, a commissão revisora e os oradores o auctores de memorias, para accordarem nas conclusões que na ultima sessão devam ser postas á votação.

Art. 8.º O presidente da commissão cen-

tral e do Congresso é o Prelado da diocese, o Em.º Senhor Cardeal Patriarcha.

§ Todos os Prelados são vice-presidentes do Congresso e precedem uns aos outros pela ordem da sua gerarchia.

Art. 9.º Todos os congressistas convidados a fazer discurso ou a apresentar memoria sobre os assumptos distribuidos, e que não pertençam á commissão central, como membros effectivos, são considerados seus membros honorarios.

Art. 10.º A mesa do Congresso, constituida por indicação do Em.º presidente, no dia da sessão inaugural, dirige os trabalhos das sessões, fixa o uso da palavra e a ordem por que será dada aos oradores.

Art. 11.º Só podem fazer uso da palavra os oradores previamente inscriptos e que tiverem enviado os seus discursos, ou ao menos o seu esboço e as respectivas conclusões, até 31 de maio, á commissão central ou á commissão revisora dos assumptos.

§ As memorias poderão ser enviadas até ao mesmo dia.

Art. 12.º A commissão revisora, logo que

receba os discursos ou memorias, dará sobre elles, e com a brevidade possivel, o seu parecer em harmonia com o artigo 2.º d'este regulamento. D'este parecer dará immediatamente conta á commissão central para que o faça saber aos seus auctores.

Art. 13.º Nenhum orador deverá usar da palavra por mais de trinta minutos.

§ Não é permittida a leitura de discursos nas sessões publicas do Congresso.

Art. 14.º As commissões espaciaes tratarão dos assumptos para que foram nomeadas pela commissão central; elgerão entre os seus membros as respectivas mesas e dirigir-se-hão pelo regulamento que lhes fôr dado pela commissão central.

Art. 15.º O Em.ºo presidente do Congresso, ouvida a respectiva mesa, resolverá todas as duvidas e difficuldades, que não estiverem previstas no presente regulamento.

*Programma official das funcções e cerimoniaes religiosas que se hão de celebrar em Lisboa de 13 a 30 de junho em honra de Santo Antonio, com approvação de Sua Eminencia o Sr. Cardeal Patriarcha:*

Dia 13—Festa na real casa do Santo Antonio, precedida do trazeza. Cata pela ex.ª camara municipal de Lisboa.

Na tarde d'este dia verificar-se-ha a precisão do Corpus Christi.

Sairá da Sé Patriarchal, seguindo pelo largo de Santo Antonio, ruas da Magdalena, de El-Rei, Aurea, Praça de D. Pedro, rua Augusta e da Conceição e recolhendo á Sé Patriarchal.

Dias 17, 18 e 19, ás 4 horas da tarde—Triduo solemne com exposição do Santissimo Sacramento e sermões nas tres egrejas: Real capella de Santo Antonio, Sé Patriarchal, S. Vicente de Fóra.

Dia 20—Comunhão goral nas mesmas tres egrejas.

Dia 22, ás 8 horas da noite—Vesperas e matinas solemnes em S. Vicente de Fóra, officiando o Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha.

Dia 23, ás 12 horas—Missa do pontifical celebrando Sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarcha.—Panegyrico do santo e finda a missa, benção papal.

A musica para a missa foi expressamente composta pelo maestro portuguez Carlos Adolpho Sauvinet.

Dias 25, 26, 27 e 28, no templo de S. Vicente de Fóra, congresso catholico internacional, cujo programma e regulamento serão opportunamente publicados pela commissão central do mesmo congresso.

Dia 30, ás 4 horas da tarde, solemne precissão.

Sairá do templo de S. Vicente de Fóra e seguirá o seguinte itinerario:

Ruas de S. Vicente, Santa Marinha, Infante D. Henrique, Santa Luzia, largos da Sé e Santo Antonio, ruas da Magdalena, d'El-Rei, Aurea, Liberdade, Largo da Annucciada, rua do Santo António, Praça de D. Pedro (lado oriental), rua Augusta e da Conceição, recolhendo á Sé Patriarchal, onde será cantado um solemne *Te-Deum*.

\*

*Programma official dos festejos e manifestações de regosijo que a grande commissão central de Lisboa promove de 12 a 30 de junho de 1895:*

Grande cortejo em homenagem a Santo Antonio.

Compôr-se-ha de carros triumphaes allegoricos: Virtudes, Sciencias, Bellas-Artes, Exercito, Marinha, Colonias, Imprensa, Commercio, Industria, Agricultura, Pesca, etc.

Os carros serão acompanhados por personagens a pé e a cavallo, em costumes, e com estandartes adequados.

Cortejo fluvial no Tejo.

No caso de Santa Apollonia, no bergantim real combolado por um soquito de numerosos barcos embandeirados, será embarcada a imagem de Santo Antonio.

O cortejo seguirá até ao caso da Rocha do Conde de Obidos, d'onde a imagem será conduzida profissionalmente á egreja de S. Francisco de Paula.

Este cortejo commença em Santo Antonio embarcou para a Africa em Santa Apollonia e que os terrenos onde se acha erecta a egreja de S. Francisco de Paula faziam parte da propriedade dos paes de Santo Antonio, onde o Santo passou a sua mocidade até ao anno de 1210.

Grande arraial no Torreiro do Paço.

O monumento, o arco e todos os edificios em volta da praça serão brilhantemente decorados, e illuminados a varias côres bem como o centro da praça, destinado a philarmónicas, estudantinas, côres, danças e outros divertimentos populares.

Durante a noite os milagres de Santo Antonio serão representados em vistosos quadros, de tamanho e altura do poderem ser vistos de todos os pontos da praça.

Ascensão do balões, projecções de luz electrica, fogos de artificio e fontes luminosas.

Begata internacional com premi a.

Para este certamen, sob a obsequiosa direcção da Real Associação Naval, do Real Club Naval de Lisboa e do Club dos Aspirantes de Marinha, serão convidadas a concorrer os Clubs navaes e os proprietarios dos barcos de recreio nacionaes e estrangeiros.

Festa veneziana no Tejo.

Illuminações nas duas margens do rio e nas embarcações.

Serenatas, fogos de artificio nacionaes e estrangeiros.

Corrida de touros na praça de Algés á antiga portugueza, organizada e generosamente offerecida pelo Real Club Tauromachico Portuguez.

Na praça do Campo Pequeno, extraordinaria corrida em que tomarão parte um dos melhores espadas e os principaes cavalleiros e bandarilheiros portuguezes.

Espectaculo de gala no theatro D. Amélia, com a oratoria magica em 3 actos, «Milagres de Santo Antonio», original de José Maria Braz Martins.

Grande concerto popular de musicas portuguezas offerecido pela Real Academia de Amadores de Musica.

Diversão gymnastica e acrobatica pelo Real Club Gymnastico.

Batalha de flores na Avenida.

Festa de infancia.

Inauguração do Asylo Officina de Santo Antonio, no bairro Andrade.

Estabelecimento para manutenção e ensino de officios a creanças pobres.

Nesse dia será offerecida uma refeição ás creanças dos asylos de Lisboa e distribuido premios ás que mais se tenham distinguido pela sua applicação ao trabalho e ao estudo.

Festa do trabalho, dedicada á classe operaria—Inauguração da villa de Santo Antonio (situada entre a Junqueira e Santo Amaro)—Vastissimo estabelecimento montado para fornecer a operarios alojamento hygienico, banhos, bom sastoio, vestuario, medico, botica e distrações moralisadoras por preços infinitos.

Concurso com premios entre philarmónicas nacionaes, illuminações, foguifras, balões e grandes fogos de artificio, por concurso, com premios entre pyrotechnicos portuguezes. Mar-

cha «aux flambeaux». Corridas de velocipedes. Sortes de Santo Antonio.

De 13 a 30 de junho—Circulação dos sellos postaes antoninos de 5, 10, 15, 20, 25, 50, 75, 80, 100, 150, 200, 300, 500 e 15000 reis, e dos bilhetes postaes de 40 reis.

Exposiçào de arte sacra ornamental.

Hymno marcha de Santo Antonio, expressamente composto para o centenario, musica do maestro Augusto Machado, letra do sr. D. João da Camara.

Sello annuncio, medalhas commemorativas, imagens, photographias, albumes, programmas, guias illustradas e outras publicações relativas á celebração do Centenario de Santo Antonio.

—O programma completo dos festejos será publicado opportunamente e indicará a ordem e mais pormenores, que possam interessar o publico, a respeito das festas e manifestações do Centenario de Santo Antonio.

Brevemente tambem serão annunciadas as reduções concedidas por occasião da celebração do 7.º Centenario de Santo Antonio, nas passagens para Lisboa (ida e volta) pelas empresas de transportes terrestres e maritimos, nacionaes e estrangeiros.

Toda a correspondencia relativa aos festejos deve ser dirigida ao secretario da commissão executiva, praça do Municipio, 32.

Lisboa, 29 de março de 1895.

A commissão executiva:—*Marquez de Pomal*, presidente; *Conde d'Avila*, secretario; *Conde de Burnay*, thesoureiro; *Marquez de Fronteira*, *Julio Augusto de Oliceira Pires* e *Carlos da Silva Pessoa*, vogaes.

**Leão XIII e a obra de D. Bosco**

Sua Santidade Leão XIII condensou o seu juizo acerca da Obra Salesiana nas seguintes palavras, que pronunciou deante de varios Cardeaes e Prelados:

«A obra de D. Bosco é, sem duvida, extraordinaria; excede as forças humanas, pois não se conclue que um homem só, desprovido de meios materiaes, um sacerdote pobre e humilde, haja podido fazer em breve tempo, pois breve tempo são trinta ou quarenta annos, as maravilhas que assombradas, contemplam a Europa e a America. Pois bem, — continuou o Papa com a sua irresistivel logica — o sobrehumano ha de ser necessariamente ou diabolico ou divino, e as suas tendencias e resultados manifestam clarissimamente se é um ou outro. O que tenda a propagar o reinado da soberbia, não póde qualificar-se senão de diabolico: assim é a revolução e os seus falsos milagres. O que, pelo inverso, se dirige a estender e a consolidar no mundo o imperio da humildade e da caridade, ou seja a soberania de Deus, deve chamar-se divino. O dedo do Altissimo descobre se patentemente na Obra Salesiana, visto que o seu fim é Christo, a sua regra Christo, e Christo a arma com que lucha, que vae semeando por toda a parte abnegação, mortificação e amor; e que trabalha pela causa de Deus e não pelos interesses terrenos do homem.»

### O catholicismo no Japão

Como se falla muito do Japão desde que começou a guerra entre elle e a China, não vem a despropósito saber-se o estado das Missões catholicas no Japão, pois mostram os progressos do catholicismo n'aquelle paiz. Esta estatística transcrevemol-a do *Osservatore Cattolico*, de Milão. Tres missões comprehendem quatro dioceses e perto de 50:000 catholicos, 15 districtos, 242 christandades, 20 igrejas, capellas ou oratorios publicos, 1 seminario em Nagasaki com 44 alumnos, 2 collegios em Tokio e em Nagasaki com 154 alumnos, tres escolas para rapazes com 130 alumnos, 17 orphanotrophios com 1:802 creanças, das quaes 459 do sexo masculino e 1:343 do feminino, 18 estabelecimentos e officinas com 303 pessoas, 13 pharmacias, 3 pequenos hospitaes, 1 hospital para leprosos com 82 leitos, 35 entermarinas nos hospitaes publicos.

O pessoal pertencente a estas missões é o seguinte:

1 Arcebispo, 3 Bispos, 84 missões europeas, 20 padres indigenas, 17 clérigos, 207 catechistas, 22 religiosos europeus da ordem de Messianistas, 86 religiosos europeus das tres congregações de S. Mauro, do Menino Jesus de Chauffailles e de S. Paulo de Chartres: 9 religiosas e 19 noviças japonezas.

Emfim, os missionarios baptisaram no anno findo no Japão 2:40 adultos, dos quaes 925 *in articulo mortis*, 1:235 pagãos, dos quaes 706 *in articulo mortis*, 1:450 filhos de christãos.

E' consolador!

### Centenario de S. Luiz, Bispo de Tolosa

Constituiu-se em Italia uma commissão especial encarregada dos preparativos para o sexto centenario da morte de S. Luiz, Franciscano, Bispo de Tolosa, que se celebrará no anno de 1897. Leão XIII, que tem devoção particular por S. Luiz, já abençoou o projecto d'este centenario, cujo fim principal é obter do céo, por intercessão do santo: 1.º o tão desejado triumpho da Santa Igreja; 2.º o estabelecimento da ordem domestica e social; e 3.º largos annos de vida para o Soberano Pontifice existente, afim de que possa celebrar elle mesmo este glorioso centenario na grande basilica de S. Pedro.

### Causa de Beatificação d'um Franciscano

Prosegue em Roma com actividade a causa de Beatificação do Veneravel Theophilo de Corte, Padre da Ordem Franciscana e da familia dos Observantes. No dia 2 d'abril celebrou a Sa-

grada Congregação dos Ritos n'uma sessão geral para o exame de dois milagres attribuidos ao Servo de Deus e já discutidos n'outra sessão. E' pois d'esperar que em breve se venere nos altares este novo Franciscano.

### Os mações na Terra Santa

Foi á Palestina, com o damnado fim de celebrar um Congresso maçónico em Jerusalem, um grupo d'uns cem Irmãos Tres-Pontinhos. Os II.º iam dispostos a fazer uma manifestação maçónica no proprio templo de Salomão, convertido hoje em mesquita chamada de Omar; porém os mahometanos, com um desprezo muito para louvar, repelliram o sacrilego proposito maçónico. Os II.º empregaram todos os meios, entre os quaes o dinheiro, que offereceram aos guardas do templo, mas tambem foram por estes repellidos.

Vendo-se corridos do templo de Salomão, os II.º estudaram a maneira de o celebrar n'outro lugar que fosse de grande celebridade. Satanaz auxiliou-os, soprando-lhes uma ideia infernal. Dis eram consigo os mações: na communiidade grego-seismatica do Santo Sepulcro contamos varios II.º, e o proprio superior é um d'elles; propozhamos-lhe a nossa ideia, e elle accederá sem difficuldade a que celebremos o nosso congresso no templo mais venerado dos nossos inimigos; e assim, ao mesmo tempo, poderemos dar aos catholicos a bofetada mais solemne que têm recebido no decorrer dos seculos.

Com effeito, o I.º superior grego não só não achou difficuldade em admittir a proposta; mas, para dar á assembleia mais auctoridade, quiz assistir ao acto pessoalmente. Puzeram para elle um *dicam* pertencente aos mesmos gregos, o que se acha situado precisamente debaixo do pavimento do Calvario e ao pé d'este Sagrado Lugar.

Reuniram-se alli os mações, a quem se juntaram o superior e outros monges gregos, tambem mações, e celebraram o seu diabolico e escandaloso congresso. O congresso em si não tinha importancia alguma, tendo por unico objectivo fazer uma manifestação anticatholica; que afinal foi como se não houvesse succedido, porque, infelizmente, em Jerusalem estão os catholicos acostumados a presenciar actos talvez mais escandalosos e repugnantes no sacratissimo lugar do Santo Sepulcro.

### O Padre Bernardino Realino, novo Beato Jesuita

Mais um Beato pertencente á benemerita Companhia de Jesus. Passados apenas dois annos desde a beatificação dos cinco Martyres de Salsete, capita-

neados pelo incomparavel Rodolpho Acquaviva, á qual se seguiu a do zeloso missionario d'Italia, Padre Antonio Ballinucci, annunciam agora de Roma que foi promulgado pela Santa Sé o desejado decreto, em virtude do qual *tuto proceli potest* á solemne beatificação do Veneravel servo de Deus — Bernardino Realino.

As carinhosas phrases que, por este motivo, dirigiu Sua Santidade á Companhia, felicitando-a por ter nos seus altares um novo Confessor e exemplar de acrisoladas virtudes, não terão deixado d'animal-a a seguir as pisadas dos seus maiores, e devem resarcir-a dos grosseiros e estupidos ataques que a imprensa impia de todos os paizes dirige com frequencia contra a obra de Santo Ignacio de Loyola e aos actos de seus benemeritos filhos.

### O catholicismo em Inglaterra

O rev. dr. Iohnan, secretario do Em.ºº Cardeal Vaughan, publicou uma interessante estatística dos catholicos d'Inglaterra, da qual copiamos os seguintes dados:

O episcopado catholico em toda a dominção ingleza, é o mais numeroso de todas as nações catholicas, com excepção da Italia, que, como se sabe, está em condições particularissimas. Ha alli 25 Arcebispos (e entre elles 8 Cardeaes), 10 Bispos, 25 Vigarios Apostolicos e 9 Prefeitos Apostolicos; ao todo 160 Preladas.

A população catholica no territorio inglez pôde ser calculada em 10 milhões d'almas, das quaes 1 milhão e 500 mil na Inglaterra, 365 mil na Escocia, 3 milhões e 540 mil na Islandia, 2 milhões e 370 mil nas possessões da America do Norte e o resto nas colonias.

Graças á liberdade religiosa illimitada que vigora na Inglaterra, todas as ordens ou congregações religiosas d'homens e de mulheres possuem casas no territorio inglez.

A população catholica d'Inglaterra (comprehendendo tambem o paiz de Galles) é governada pelo Arcebispo e por 16 Bispos. Ha alli 1643 igrejas e capellas, mais 19 do que no anno passado. Infelizmente o numero de sacerdotes tem diminuido; o anno passado havia 263 e este anno ha 2611. O dr. Iohnan attribue este, aliás pouco sensivel desequilibrio, á morte que n'este anno fez muitas victimas nas fileiras do clero.

Por felicidade offerecem espontaneamente os seus serviços aos Bispos d'estas dioceses muitos sacerdotes estrangeiros (particularmente irlandezes, francezes e belgas, que alli desempenham o seu ministerio na qualidade de missionarios.

**Zola ventoinha**

No banquete que, ha dias, reuniu em Paris a antiga e a nova direcção da Sociedade dos Homens de Letras, o snr. Emilio Zola levantou um brinde á « união da politica e da litteratura. »

Estava Zola no seu direito; mas este brinde veio mais uma vez mostrar que o auctor do *Loudest* muda d'ileias d'anno para anno.

Um jornal de Paris diz que ha quinze annos, o pornographico romancista falava nos seguintes termos da politica :

« A politica é a cloaca onde apodrecem todas as vilanias e todas as cobardias humanas. »

«... A politica é uma prisão de forçados; todos os nossos homens politicos são uns miseros pelintras. »

A politica é « a pia commun onde caem todas as mediocridades. »

E agora Zola, que se considera litterato, quer a união da litteratura com a politica. Isto é, quer unir-se « á cloaca onde apodrecem todas as vilanias e todas as cobardias humanas. »

São justas as suas aspirações. Era na tal cloaca onde elle sempre devia viver.

**Festas jubilaes de S. José**

Dizem de Roma que se constituiu alli uma commissão, com benção apostolica, e sob a direcção do Em.<sup>mo</sup> Cardinal Lucido Maria Parocchi, Vigario de Sua Santidade, com o fim de promover as festas do Jubileu Patronal de S. José em toda a Igreja, festas, tanto quanto possiveis, dignas do Santo Patriarcha e fecundas das mais coloridas benções de Deus sobre toda a Christandade e sobre todo o genero humano.

A commissão projecta uma preparação de sete mezes, pois tantas são as alegrias e as dôres que S. José experimentou na convivência com Jesus e Maria Santissima, isto é uma festa por mez no dia 8, ou, melhor ainda, no primeiro domingo do mez, começando em junho, consagrado ao Coração de Je-

sus, até ao mez de dezembro proximo inclusivè, no qual occorrem as festas jubilaes. A commissão deseja que esta festa se faça em todas as parochias e em todas as egrejas consagradas a S. José, como sor possa, segundo as circumstancias.

« Pedimos a Sua Santidade — diz a circular da commissão — a graça de poder celebrar a dita festa no domingo seguinte á festa da Immaculada. Pediremos tambem especiaes indulgencias que se possam lucrar na novena ou triduo. »

**« A questão dos Jemitas. »**

Damos hoje apenas oito paginas d'este livro, porque o seu illustrado auctor não nos pôde fornecer mais original por se achar doente.

**SECÇÃO ADMINISTRATIVA**

Aos cavalheiros que caridosamente são correspondentes de *O Progresso Catholico*, pedimos a especial fineza de nos enviarem a relação dos assignantes que lhes hajam pago assignaturas, e de cujo pagamento ainda não tenham informado esta administração; porque, tencionando nós começar no principio do mez de junho a fazer a cobrança das assignaturas atrazadas por intermedio do correio, precisamos saber os nomes d'aquelles que hajam pago aos nossos correspondentes, afim de lhes não pedirmos o que não devam. Como a assignatura de *O Progresso Catholico* é paga adiantadamente, nos recibos, que tenhamos de mandar, incluiremos o anno corrente.

Como se sabe, todos os recibos cobrados pelo correio levam sello, e, afóra esta despeza, tem a dos impressos e a

percentagem da cobrança. Pedimos, pois, encarecidamente aos nossos presados assignantes que, logo que recibam aviso para o pagamento, se apressem a mandar pagar, porque a devolução do recibo por pagar não nos evita a despeza que fizemos, e obrigamos a novas despezas com nova remessa, o que muito sobrecarrega esta administração.

Maior favor seria que os nossos assignantes em divida nos mandassem a importancia da assignatura sem esperarem o aviso do correio, porque nos poupavam despeza; pois que, sendo a cobrança feita por intermedio do correio, perdemos 10 por cento sobre o importe da assignatura, o que é um desfalque bastante sensivel, se se at tender a que *O Progresso* é, de todas as revistas quinzenaes, illustradas e não illustradas, que se publicam em Portugal, a mais barata.

Esperamos do reconhecido zelo dos nossos presados assignantes a deferição a este pedido.

\*  
\* \*

Tendo-nos alguns assignantes de Lisboa perguntado a quem podem entregar alli a importancia das suas assignaturas de *O Progresso Catholico*, declaramos que é nosso obsequioso correspondente o snr. Manuel Pedro dos Santos, digno administrador do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, rua do Quelhas, 6.

O ADMINISTRADOR,

Vicente Fructuoso da Fonseca.

**O PROGRESSO CATHOLICO**

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente  
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 12000 reis—Estados da India, China, e America, 12280 reis, moeda portugueza—

Numero avulso 100 reis.

**As assignaturas são pagas adiantadamente, por um ou meio anno.**

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua do Almada, 368—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedido de livros, mudança de direcção, etc.) a  
Vicente Fructuoso da Fonseca, na Livraria Catholica Portuense, rua do Almada, 368—PORTO.